

Planos da Forluz têm rentabilidades expressivas em julho e superam metas

Os planos da Forluz, mesmo em um cenário que segue desafiador, conseguiram superar as suas metas pelo segundo mês consecutivo, contando com uma contribuição positiva de praticamente todas as classes de ativos investidas.

Nos EUA, os dados mais recentes de inflação consolidaram um cenário mais benigno, apontando para o início do ciclo de corte de juros em setembro pelo Banco Central Americano. A discussão neste momento se concentra na intensidade do primeiro movimento, podendo ser de 0,25% ou 0,50%, bem como na quantidade de cortes no ano, se dois ou três.

Em relação à eleição americana, julho foi um mês intenso, com um atentado à vida do candidato Republicano, Donald Trump, e a desistência à reeleição do atual presidente, Joe Biden, que foi substituído pela Senadora Kamala Harris, nova candidata do Partido Democrata, que tem apresentado um melhor desempenho nas pesquisas. No entanto, as probabilidades ainda apontam para maior chance de Trump vencer, pois ele continua bem colocado nos principais estados que costumam definir o resultado das eleições. Assim, com a proximidade do pleito, a eleição americana já parece pesar sobre o preço dos ativos e começa a influenciar os mercados, que seguem com o desafio de entender quais políticas o futuro governo poderá implementar.

Já no Brasil, o Real se desvalorizou novamente frente ao Dólar, totalizando uma queda de aproximadamente 16% no ano. Sobre os dados econômicos domésticos, observou-se mais uma rodada de números fortes de atividade e mercado de trabalho, sinalizando que a economia continua aquecida.

Na parte fiscal, o Governo Federal anunciou uma série de medidas destinadas a garantir o cumprimento da meta estabelecida no âmbito do Arcabouço Fiscal, com bloqueios e contingenciamentos no orçamento de aproximadamente R\$ 15 bilhões, que foram bem recebidas pelo mercado como uma primeira sinalização de contenção de despesas necessárias para o equilíbrio das contas públicas.

No tocante à Selic, a reunião do Copom no fim do mês manteve a taxa de juros brasileira em 10,50%, porém, apresentou um comunicado mais duro do que o anterior, destacando riscos altistas para a inflação. Diante de uma economia forte, riscos inflacionários e um Dólar em alta, crescem as possibilidades de um eventual ciclo de aperto monetário (aumento nas taxas de juros), mesmo que este ainda não seja o cenário base entre a maioria dos especialistas de mercado.

Neste cenário, a Forluz continuou aproveitando o contexto marcado pela oferta de NTN-Bs (Títulos Públicos atrelados à inflação) com altos níveis de juros reais – acima de 6,20% – para adquirir mais ativos com taxas superiores às suas metas atuariais. A estratégia vem se mostrando assertiva no que tange ao momento de realização, já que, na data de elaboração deste texto, as taxas dos títulos já se encontram em patamares menores, próximas a 6,00%.



Cenário Mundo

Bancos Centrais em evidência – Novos ciclos monetários à vista

O contexto internacional durante o mês de julho foi marcado pelo progresso nas discussões acerca do balanço de riscos entre as perspectivas para a inflação e para o mercado de trabalho nos EUA. Do outro lado do Atlântico, o Banco Central Europeu destacou a necessidade de cautela e moderação para conduzir a baixa nos juros do bloco, enquanto a autoridade monetária da Inglaterra promoveu o primeiro corte de juros em anos. Além disso, na Ásia, o papel do setor imobiliário no enfraquecimento da atividade econômica chinesa e a imprevisível elevação nos juros pelo Banco Central do Japão adicionaram volatilidade ao mercado. Esses pontos serão abordados detalhadamente abaixo.

Com relação à conjuntura norte-americana, os dados apontam para um crescimento ainda robusto do PIB, fundamentado em indicadores sólidos de consumo. Os principais índices que medem a inflação naquele país se mostraram em linha com as projeções do mercado, abrindo margem para que, na reunião de 31/07, o Comitê de Política Monetária (FOMC), apesar de decidir pela manutenção da taxa de juros no patamar atual, sinalizasse para a efetivação do início do ciclo de cortes nos juros em setembro, caso as condições se mantenham.

Vale ressaltar que a transição entre o fim de julho e início de agosto foi caracterizada por um aumento significativo dos níveis de volatilidade, tendo em vista a divulgação de dados que mostraram um esfriamento sensível na criação de vagas de emprego nos EUA e uma contração além do esperado nos novos pedidos de compras para a indústria. Estes fatores, somados às preocupações com a possível escalada dos conflitos no Oriente Médio, provocaram fortes oscilações nos preços de diversos ativos.

Na Europa, as divulgações dos últimos indicadores econômicos da Zona do Euro apontam para o fato de que a contenção do processo inflacionário se mantém desafiadora para o Banco Central do bloco, que sustenta uma postura restritiva, aguardando novos dados para decidir por realizar mais cortes no futuro próximo. Além disso, é importante mencionar que o Banco Central da Inglaterra também iniciou o seu próprio ciclo de redução de juros (-0.25%), em uma decisão dividida (5x4) que não apresentou sinais claros sobre qual será o ritmo adotado para os próximos cortes.

No continente asiático, o maior destaque vai para a decisão do Banco Central do Japão que, no dia 31/07, surpreendendo o mercado, decidiu elevar a sua taxa de juros para 0.25% ao ano, enquanto se projetava uma manutenção em 0.10%. Essa decisão levou a uma forte valorização da moeda japonesa (Iene), impactando negativamente as divisas dos países emergentes, bem como ativos de risco em todo o mundo. Na China, por fim, o setor imobiliário continua a inspirar preocupações, tendo em vista os atuais níveis dos estoques, o elevado endividamento do setor e a pressão que isso causa sobre a estabilidade financeira do país, que segue apresentando números de crescimento frustrantes.

Cenário Brasil

Permanece a vigilância – Ruídos no câmbio e questão fiscal



Seguindo uma tendência global de enfraquecimento perante o Dólar, a moeda brasileira ainda conta com adversidades internas para agravar o seu desempenho negativo. As discussões sobre o cumprimento das metas estabelecidas pelo Arcabouço Fiscal, somadas às incertezas que cercam a nova composição do corpo diretivo do Banco Central se apresentam como fatores de impacto sobre a taxa de câmbio.

Sabe-se que os mercados emergentes têm passado por dificuldades que derivam, em grande medida, da redução do apetite ao risco dos investidores internacionais. Eles continuam a priorizar o direcionamento da maior parte de seu capital para ativos localizados em países com economias desenvolvidas, tendo em vista que os juros elevados para a Renda Fixa e a rentabilidade apresentada pelos ativos negociados em Bolsa tornam a relação entre risco e retorno mais atrativa.

A dinâmica explicitada acima se manifesta em uma taxa de câmbio mais depreciada para nações como o Brasil. Neste sentido, a relevância da variação da moeda para a economia doméstica é alta, tendo em vista que o país é um importante exportador de *commodities*, ao mesmo tempo em que é um grande importador de combustíveis, produtos industrializados e serviços de alta complexidade. Dessa forma, fato é que um câmbio desvalorizado como o atual tem impacto direto nos índices de inflação, elevando o preço de produtos e serviços que são impactados pelo Dólar. Por outro lado, as exportações tendem a ser beneficiadas por um dólar mais forte.

Além das circunstâncias externas, os ruídos em torno da gestão da política fiscal, com as consequentes preocupações em relação à trajetória da dívida pública e sua sustentabilidade, ditaram o tom das discussões sobre a taxa de câmbio e sua influência na recente diminuição do poder de compra do Real.

Sobre esse ponto, vale frisar que a leitura do IPCA de julho foi registrada em 0,38%. Com isso, nos últimos 12 meses, a inflação medida pelo índice oficial está acumulada em 4,50%.

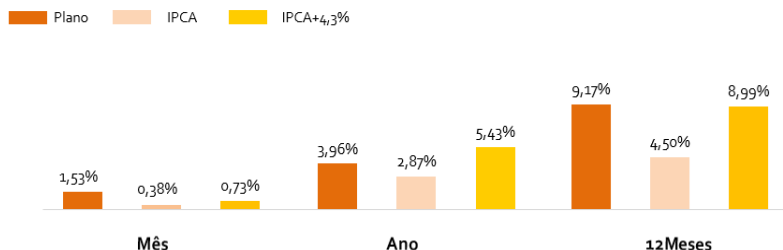
Cabe mencionar ainda que, em julho, o Governo Federal anunciou uma série de medidas destinadas a garantir o cumprimento da meta estabelecida no âmbito do Arcabouço Fiscal, com bloqueios e contingenciamentos no orçamento de aproximadamente R\$ 15 bilhões, que foram bem recebidas pelo mercado, como uma primeira sinalização de contenção de despesas, necessária para o equilíbrio das contas públicas.

Já ao final do mês ocorreu a reunião do COPOM, que manteve a Taxa Selic em 10.50% ao ano, em mais uma decisão unânime.

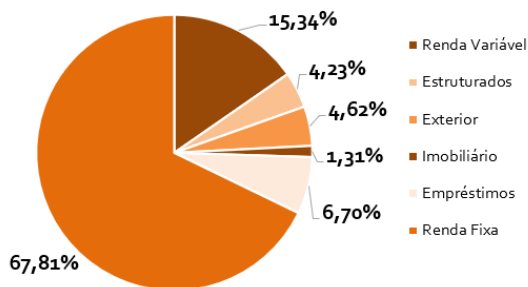
Composição e Resultado

A seguir são apresentados os retornos e alocação consolidados e por segmento do Plano:

Rentabilidade

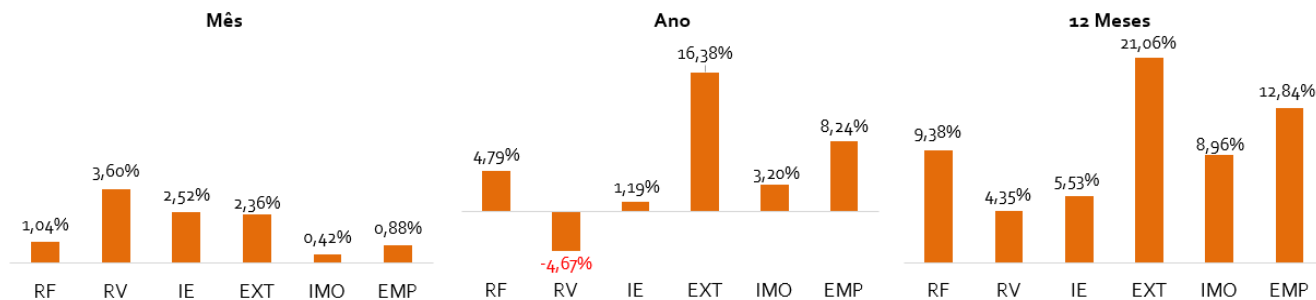


Alocação por Segmento*



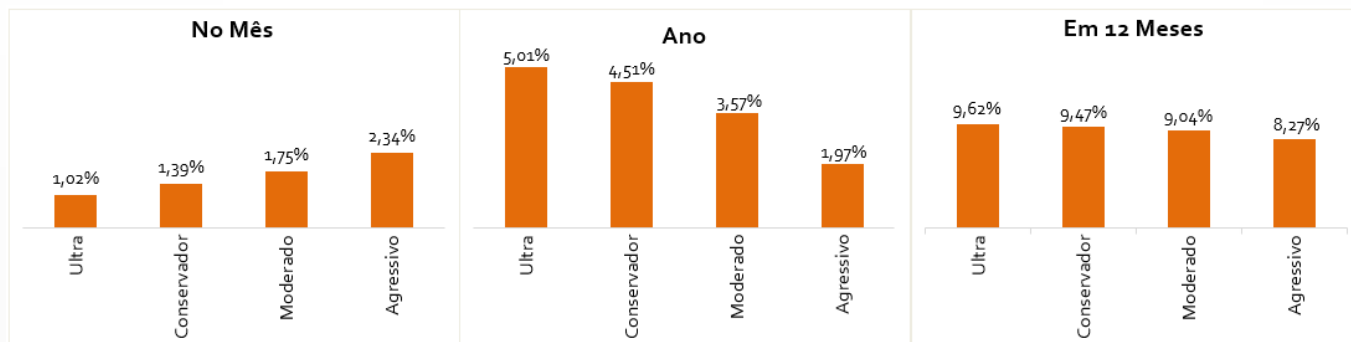
*Percentuais com arredondamentos

Rentabilidade por Segmento

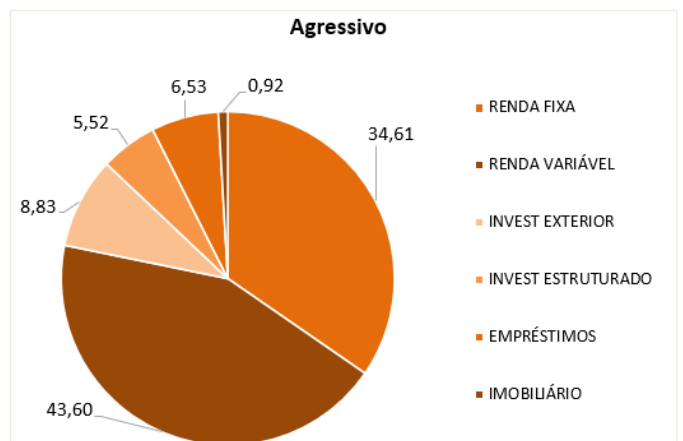
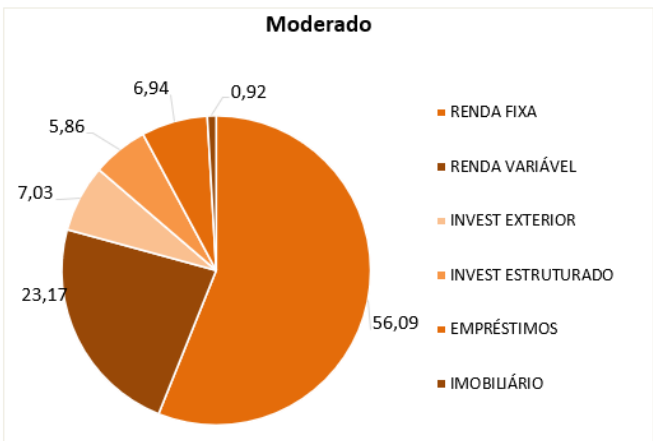
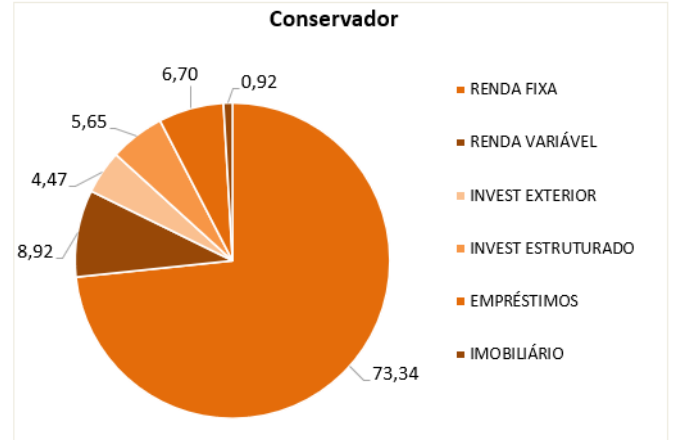
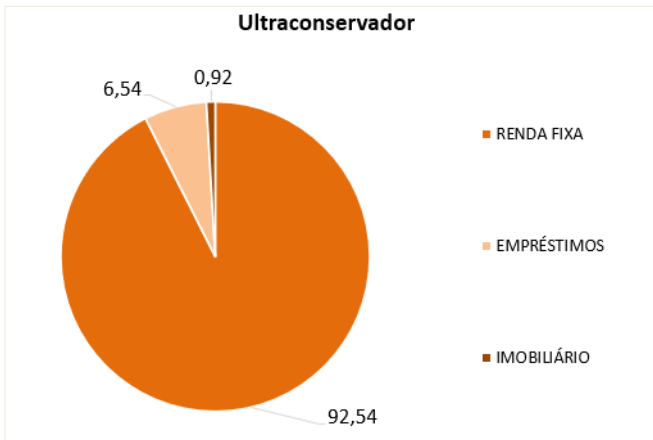


Legenda: RF = Renda Fixa / RV = Renda Variável / IE = Investimento Estruturado / EXT = Exterior / IMO = imobiliário / EMP = Op. Participantes

Rentabilidade por Perfil



Alocação por Perfil



*Percentuais com arredondamentos

Palavra da Gestão

Em julho, os planos da Forluz seguiram apresentando resultados positivos em seus investimentos. De uma maneira geral, apesar dos desafios apresentados pelo cenário, as diversas classes de ativos performaram de modo a contribuir para a superação das metas estabelecidas para o mês.

Neste contexto, é importante enfatizar o desempenho das alocações efetuadas em ativos de elevada qualidade, com o foco no longo prazo, que conferem maior estabilidade para os recursos aplicados, ao mesmo tempo em que são capazes de rentabilizar o patrimônio de forma sustentável, a despeito das flutuações de curto prazo.

Análise por classe de ativo

Renda Fixa

A classe se beneficiou do fechamento das taxas de juros e contribuiu de forma significativa para o atingimento dos objetivos de rentabilidade dos planos. As posições aplicadas em fundos da família IMA-B (risco de mercado) apresentaram uma rentabilidade expressiva no período, ao mesmo tempo em que as alocações em fundos de crédito privado voltaram a se destacar positivamente.

Adicionalmente, é importante ressaltar que a Forluz continuou aproveitando o contexto marcado pela oferta de NTN-Bs (Títulos Públicos atrelados à inflação) com altos níveis de juros reais – acima de 6,20% – para adquirir mais ativos com taxas muito superiores às suas metas atuariais, em razão de ser uma rara oportunidade.

Indicadores	No Mês
IMA-B 5	+0.91%
IMA-B 5+	+3.24%
CDI	+0.91%

Renda Variável

O Ibovespa fechou o mês no patamar dos 127.652 pontos, apresentando rentabilidade de 3,02%. Com a divulgação de novos dados corroborando o cenário de desaceleração da economia americana, a curva de juros americana fechou, o que gerou alívio para diversos mercados de risco ao redor do globo, inclusive os mercados emergentes. Do lado interno, os dados piores de inflação no Brasil não foram suficientes para conter a alta do Ibovespa.

Além disso, o mês foi, novamente, marcado pela significativa dispersão de retornos das ações brasileiras. Dos 85 papéis do Ibovespa, 51 apresentaram resultados positivos, sendo que os 5 melhores resultados foram as ações de Embraer (21,19%), Weg (20,25%), Sabesp (17,70%), Vamos (14,00%) e Vibra (13,35%). Os 5 piores resultados foram as ações de Usiminas (-21,37%), Cognia (-14,12%), São Martinho (-9,88%), Totvs (-8,81%) e Marfrig (-8,50%).

Investimentos Estruturados

No mês de julho, o retorno da estratégia de Multimercados Macro (Fundo CSHG FF), presente no segmento de Investimentos Estruturados, apresentou rentabilidade de 2,16%. Tal resultado foi positivo pelo motivo de o conjunto de gestores investidos por este fundo estarem com posições compradas em ações – nacionais e internacionais em dólar americano, em ouro e aplicadas em taxas de juros de países desenvolvidos.

A estratégia de Long Bias (Fundo CS FOF LB), também presente no segmento de Investimentos Estruturados, apresentou performance de 3,74%, o que também contribuiu para o bom desempenho do segmento.

Em relação à estratégia de Fundos de Investimento em Participações (FIPs), o destaque do mês de julho vai para o recebimento de amortizações dos fundos investidos, referentes às distribuições de dividendos de companhias investidas e desinvestimentos realizados.

Exterior

Julho foi mais um mês de resultados positivos no segmento de Investimentos no Exterior. O mercado de ações global (MSCI ACWI) apresentou alta de 1,6% (em dólar) e os títulos de renda fixa de diversos países apresentaram retorno de 2,1% (em dólar). Tais resultados aconteceram em um período em que o cenário de desaceleração americana se mostrou mais provável, de forma que o mercado passou a precificar mais cortes nas taxas de juros dos EUA. Do lado do mercado de renda variável, vale mencionar que houve uma notável dispersão de resultados, sendo que as grandes empresas de tecnologia tiveram seus preços revistos para baixo enquanto que diversas empresas de menor capitalização de mercado, por serem mais sensíveis a taxas de juros, apresentaram retornos mais significativos. Este comportamento levou a maior diferença de retornos entre os índices Russel 2000 e Nasdaq 100 em mais de 20 anos.

O dólar americano apresentou variação de 1,1% no mês, tendo contribuído também para a performance do segmento de Investimentos no Exterior, que fechou o mês com rentabilidade de 2,36%.

Imobiliário

Após um período marcado por instabilidades no setor, o Índice Fundos de Investimentos Imobiliários (IFIX) voltou a apresentar valorização em julho (+0.52%). Os destaques positivos do mês foram os setores de logística, shoppings e renda urbana.

As alocações da carteira de Fundos Imobiliários da Forluz continuam equilibradas, com rebalanceamentos pontuais entre ativos atrelados a recebíveis (Fundos de Papel) e ativos relacionados a imóveis físicos (Fundos de Tijolo), de modo a conferir maior adaptabilidade ao portfólio.

Perspectivas

A gestão continua atenta aos principais acontecimentos capazes de impactar os mercados, de modo a distinguir o que são os “ruídos” daquelas variações que possuem fundamentos. O objetivo é filtrar as informações aptas a auxiliar o processo de tomada de decisão.

Tendo em vista que o cenário segue marcado por níveis elevados de volatilidade, entende-se que é necessário manter a ponderação e a criteriosidade dos processos durante a identificação das oportunidades que se apresentam.

Alocação e Retorno por ativo

RENDA FIXA		59.813	Valores em R\$ mil			
Nome do Fundo		Financeiro (\$)	Taxa Média (ao ano)			
Carteira Própria		323				
Titulos Privados / Indexados IPCA+		323	IPCA + 6,03%			
Nome do Fundo	CNPJ	Financeiro (\$)	Retorno Mês	Retorno Ano	Retorno 12M	
Fundos de Caixa		9.907				
SF FF CAIXA FI RF DI	37.037.679/0001-01	9.031	0,90%	6,11%	11,46%	
INTER CORP FIRF CP	36.443.522/0001-05	877	0,95%	6,43%	12,11%	
Risco de Crédito		6.369				
SULAMERICA FF FI RF	41.610.657/0001-58	3.528	1,45%	6,55%	12,25%	
VINCI FF FI RF CP	41.570.019/0001-50	1.987	1,67%	6,70%	12,19%	
SPARTA TOP FIC FIRF	14.188.162/0001-00	853	1,24%	7,80%	14,54%	
Risco de Mercado		16.704				
KINEA IPCA ABS FICFI	27.599.290/0001-98	608	0,54%	3,38%	7,89%	
ASA ALPHA REAL RA RF	44.917.273/0001-70	206	2,49%	0,53%	3,40%	
BTGP EXPLORER FIRF	48.373.485/0001-95	822	0,94%	3,52%	7,77%	
SULAMERICA FF RF	43.759.309/0001-72	11.112	0,92%	4,78%	9,16%	
NC RF RED INST FI LP	41.681.049/0001-34	3.956	0,85%	4,25%	10,36%	
Rico de Mercado - IMA-B5+		2.121				
TESOURO IPCA L FI RF	20.374.752/0001-20	2.121	3,21%	-2,12%	1,14%	
Rico de Mercado - IMA-B5		24.036				
BTG PACTUAL IPCA REF	07.539.298/0001-51	8.964	0,90%	4,14%	8,07%	
FIC FI IMAB 5 TP RF	13.455.117/0001-01	15.071	0,89%	4,12%	8,03%	
FIDCs		352				
PATRIA FIDC SR3 IPCA	28.819.553/0001-90	352	0,90%	7,27%	11,87%	
Benchmarks (indicadores de referência de mercado)						
CDI			0,91%	6,18%	11,57%	
IMA-B5			0,91%	4,27%	8,29%	
IMA-B5+			3,24%	-1,97%	1,41%	
RENDA VARIÁVEL		13.534				
Nome do Fundo	CNPJ	Financeiro (\$)	Retorno Mês	Retorno Ano	Retorno 12M	
FORLUZ FIA	17.138.135/0001-10	13.534	3,60%	-4,98%	4,01%	
ISHARES IBOVESPA FUNDO DE ÍNDICE BOVA11	10.406.511/0001-61	585	3,04%	-4,87%	5,16%	
FRANKLIN TEMPLETON FF ÍNDICE ATIVO FIA	19.675.101/0001-90	2.741	3,10%	-3,93%	5,47%	
BRDESCO FF ÍNDICE ATIVO FIA	33.033.116/0001-86	1.149	3,41%	-5,50%	2,23%	
OCEANA VALOR FIC FIA	10.309.539/0001-80	2.736	2,59%	-5,87%	6,01%	
TORK LONG ONLY INSTI	31.533.145/0001-81	1.025	6,13%	-9,51%	-3,52%	
VINCI GAS DIVID FIA	07.488.106.0001-25	551	2,97%	-4,91%	3,94%	
NAVI INST METODO FIA	34.790.765/0001-94	1.659	4,12%	-4,01%	7,73%	
GTI HAIFA FIA	28.408.121/0001-96	445	5,54%	-4,29%	0,41%	
SQUADRA INST FIA	47.512.666/0001-92	1.357	4,03%	-3,08%	8,36%	
GUEPARDO INST. FIC FIA	38.280.883/0001-03	469	3,57%	-2,23%	7,93%	
CLARITAS VAL FICFIA	11.403.850/0001-57	759	3,85%	-2,04%	3,24%	
Outros	-	58				
IBOV			3,02%	-4,87%	4,68%	

Alocação e Retorno por ativo

ESTRUTURADOS - MULTIMERCADO		3.728				
Nome do Fundo	CNPJ	Financeiro (\$)	Retorno Mês	Retorno Ano	Retorno 12M	
CSHG FF FIC FIM	32.320.637/0001-51	2.736	2,16%	1,73%	6,50%	
CSHG ALL SPX NIMITZ Q CSHG FIC FIM	36.874.628/0001-63	534	2,42%	4,77%	7,95%	
CSHG ALLOCATION KAPITALO ZETA FIC FIM	31.594.631/0001-00	419	0,91%	1,72%	8,86%	
ABSOLUTE VERTEX CSHG FIC FIM	18.422.272/0001-45	557	2,23%	5,81%	10,21%	
ALLOCATION VERDE AM 6o FICFIM	25.682.084/0001-11	362	1,39%	3,56%	10,32%	
CSHG GENOA VESTAS	47.123.213/0001-74	85	0,02%	2,64%	2,57%	
CSHG ALLOCAT VISTA MULT FIM	36.656.777/0001-56	149	5,20%	-19,00%	-9,69%	
ALL LEG C ALPHA FIM	31.666.646/0001-36	293	2,90%	-2,99%	-2,46%	
CLAVE OPPOR I FIM CP	42.591.324/0001-91	34	1,72%	11,30%	19,85%	
CSHG ALL MAR ABSOLUTO FC FI MULT	42.868.965/0001-40	282	4,17%	-2,48%	7,46%	
Outros	-	21	-	-	-	
CARTEIRA PRÓPRIA		992				
VINCI CRED MULTI FIM	37.099.037/0001-29	98	1,48%	5,93%	11,07%	
CS FOF LB FF FICFIM	37.684.566/0001-90	894	3,74%	-0,94%	2,07%	
INVESTIMENTO NO EXTERIOR		4.073				
Nome do Fundo	CNPJ	Financeiro (\$)	Retorno Mês	Retorno Ano	Retorno 12M	
CARTEIRA PRÓPRIA						
SCHRODER FF FIM IE	41.326.144/0001-10	1.583	1,40%	25,07%	32,45%	
PIMCO INCOME FIM IE	23.720.107/0001-00	1.565	2,55%	6,19%	12,90%	
COMPASS FF FIM*	52.285.421/0001-00	924	3,74%	22,46%	-	
(*) Primeiro aporte efetivo ocorreu em 04/12/2023						
IMOBILIÁRIO		1.157				
Nome do Fundo	CNPJ	Financeiro (\$)	Retorno Mês	Retorno Ano	Retorno 12M	
Imobiliários - FII e Cred. Imob.		1.157				
VINCI FI RF IMOB CP	31.248.496/0001-40	47	1,86%	2,47%	6,43%	
KINEA FF IMOB FIM	51.918.188/0001-92	401	0,22%	0,22%	0,22%	
RBR FF IMOB FICFIM	42.449.329/0001-84	416	0,68%	7,41%	12,79%	
VINCI FUL DL FII CLA	36.200.654/0001-06	292	0,09%	0,25%	7,26%	
Benchmarks (indicadores de referência de mercado)						
IFIX			0,52%	1,61%	5,77%	
OPERAÇÕES COM PARTICIPANTES		5.906				
Empréstimos		5.906				
Carteira de Empréstimos		5.906	0,88%	8,24%	12,84%	
TOTAL DOS INVESTIMENTOS		88.210				

Investimentos por indexador

Investimento por Segmento - Plano Taesa

Segmento	% do plano	Em R\$ milhão
Renda Variável	15,34%	13,534
Estruturados	4,23%	3,728
Exterior	4,62%	4,073
Imobiliário	1,31%	1,157
Empréstimos	6,70%	5,906
IMA-B5	27,25%	24,036
IMA-B	0,23%	0,206
IMA-B5+	2,40%	2,121
IPCA	7,71%	6,799
CDI	30,21%	26,651
Renda Fixa	67,81%	59,813
Total	100,0%	88,210

*Percentuais com arredondamentos

